

Bill Viola, no vídeo e ao vivo. 03

O VIDEOMAKER APRESENTA HOJE NO VIDEOBRASIL SEU ÚLTIMO TRABALHO. AMANHÃ, FAZ PALESTRA E MOSTRA MAIS VÍDEOS.

Chegou ontem a São Paulo o videomaker Bill Viola, o convidado mais esperado da 9ª edição do Videobrasil, que se encerra amanhã no Sesc Pompéia. No festival, ele mostra seus vídeos em que trabalha com a modelagem do tempo, usando câmeras superlentas, uma visão diametralmente oposta à da edição da TV comercial.

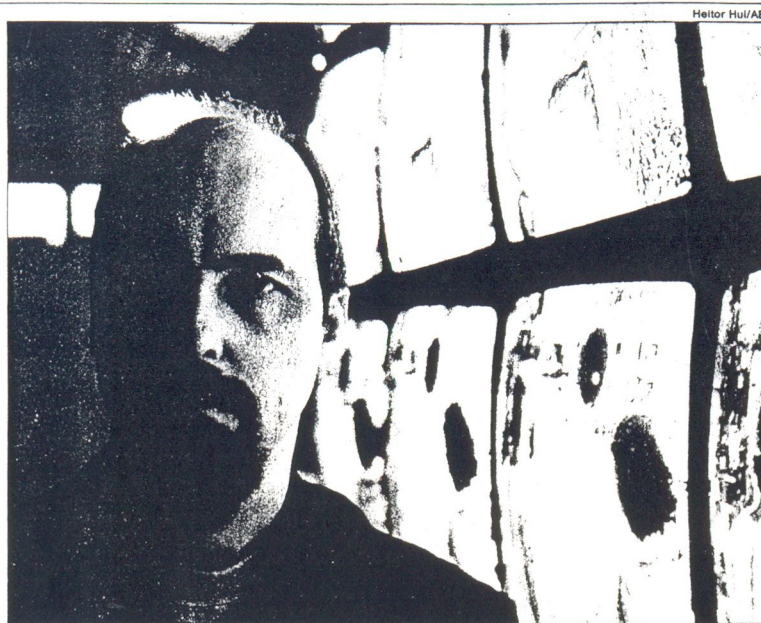
Bill viajou o mundo em busca de locais onde acreditava poder colocar suas idéias em frames. Pretende algum dia vir à América do Sul, gravar na floresta amazônica e na Terra do Fogo, mas não será desta vez. Já gravou no deserto do Saara, na Tunísia, na Ilha Fuji. Morou no Japão e em mosteiros budistas. Hoje é um pai dedicado aos dois filhos, de quatro anos e outro de nove meses, "com uma rotina muito certinha", comenta bem-humorado. Aqui ele fala sobre a construção de um vídeo a partir do tempo e do uso da câmera lenta, entre outros temas.

Por que as câmeras lentas?

O elemento básico com o qual eu trabalho não é a câmera, não é a tela do monitor, é tempo e experiência. Quando você usa o slow motion, uma série de coisas interessantes acontece. Parece um microscópio onde se observam experiências. A imagem continua na tela, mas você consegue a extensão do sentimento. Um exemplo é meu trabalho *Passage*, de 87, que mostra a festa de aniversário de uma criança de quatro anos. Eu usei uma tela enorme, com a imagem de uma sala minúscula onde acontece a festa. Você vê os rostos das crianças iluminados pela vela, e a câmera lenta faz com que a emoção deste momento continue por um tempo bem maior do que o real.

Como se você congelasse a emoção.

Exato. É incrível, me fascina.



Hector Hul/AE

Poder da criação SUPERANDO A TÉCNICA

A câmera lenta confere um tom cerimonial, religioso, à cena?

Em alguns trabalhos, sim, como na instalação da Documenta de Kassel. Era uma tela de sete metros de altura, com a imagem de um corpo mergulhando na água. A cena dura seis minutos, quando no tempo real demoraria meio segundo. O ator veste roupas claras, a luz é clara. As referências são as pinturas religiosas. O slow motion de alguma forma transforma a cena em um ritual.

Qual o envolvimento da técnica no seu trabalho?

Quando eu comecei, na década de 70, junto com a videoarte, as pessoas se importavam com a questão técnica porque era uma mídia nova. A primeira coisa a se fazer é explorar todas as possibilidades técnicas da novidade, para dominá-la. Depois, é esquecer a técnica e se concentrar na criação. Quando um músico começa a tocar piano, ele deve aprender a técnica, depois esquecer que existe um piano e simplesmente tocar.

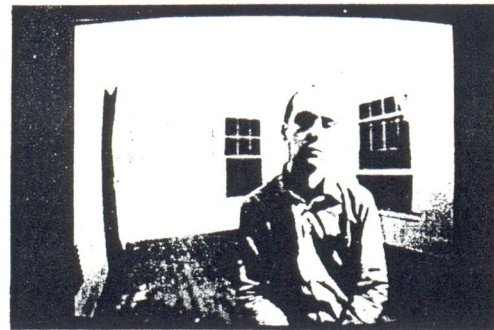
O que você acha dos filmes de Andy Warhol? Ele fez filmes intermináveis com câmeras paradas em cenas sem movimento, como uma pessoa dormindo.

Acho que ninguém assistiu aos filmes do Warhol (ri). É engraçada esta questão da técnica que um artista usa, como os críticos querem encontrar motivos profundos para cada coisa. Em uma entrevista, o jornalista questionava o motivo dele nunca mover a câmera, Warhol respondeu: "Nós acabamos de comprá-la e custou muito caro; temos medo do quebrá-la".

Você está trabalhando em uma instalação usando dois projetores em uma só tela, um contra o outro, o que faz com que a imagem se espelhe no ambiente, cercando o espectador. É a direção que as pesquisas de realidade virtual estão tomando. Você pretende usar a RV no seu trabalho?

A princípio não. Prefiro que o espectador continue com a noção do espaço real.

Jó Elias



Lições de mestre

Bill Viola (ao lado), a atração mais esperada do Videobrasil (Sesc Pompéia, rua Clélia, 93, tel. 864-8544), fará hoje, às 16h52 (com estes exatos e britânicos minutos, segundo o programa), a apresentação do seu mais recente trabalho, "Passing". Amanhã, às 11h, dá uma palestra, com audiovisual, explicando como

faz os seus vídeos. Ainda amanhã ele exhibe outros trabalhos, como "Reasons For Knocking At An Empty House" (acima), no qual ele deixou uma câmera parada dentro de uma casa vazia, transportando o espectador ao limite da angústia em seus 19 minutos. Já o vídeo "Hatsu-Yume" foi gravado no Japão e mostra cenas de paisagens que se fundem quase que imperceptivelmente.